

ASPECTOS NEOLÓGICOS E IDEOLÓGICOS NA TRADUÇÃO DO LÉXICO EM WEB NOTÍCIAS



NEOLOGICAL AND IDEOLOGICAL ASPECTS IN THE LEXICON'S TRANSLATION IN WEB NEWS

Gabriela Farias de FIGUEIREDO
Universidade Estadual Paulista, Brasil

Angélica Karim Garcia SIMÃO
Universidade Estadual Paulista, Brasil

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | AUTORIA

RECEBIDO EM 06/11/2023 • APROVADO EM 04/08/2024

DOI: <https://doi.org/10.47295/mgren.v13i2.1329>

Resumo

Tomando a produção e a tradução jornalísticas como fundamentais para a difusão do léxico em uma comunidade linguística, este estudo tem como objetivo analisar as estratégias utilizadas para a tradução de unidades lexicais em artigos jornalísticos opinativos (fontes estáveis de tradução) contrastando-as com as estratégias empregadas na tradução de artigos informativos (fontes instáveis de tradução), segundo Hernández Guerrero (2011). Para tanto, o estudo buscou investigar as “marcas de tradução” na versão de textos do português para o espanhol dos jornais El País e Folha de S. Paulo, além de discutir aspectos neológicos e ideológicos implicados na tradução de tais textos. Nos

pautamos nos trabalhos de Lara (2006), Borba (2006), Hernández Guerrero (2011), Bielsa (2016) e Simão e Stupiello (2017), a fim de discutir as questões lexicais envolvidas na esfera da tradução jornalística. Para tratar do processo neológico, utilizamos Correia e Almeida (2012), bem como Mittmann (1999) e Venuti (2002) para questões discursivas abordadas no âmbito da tradução. Na análise, partimos da hipótese de que diferentes tipologias textuais possam condicionar o emprego de diferentes estratégias de tradução, conforme visto na literatura da área. A partir de uma metodologia contrastiva de análise da tradução do léxico nos dois gêneros abordados (textos informativos e opinativos), os resultados puderam apontar para a possibilidade de que as percepções ideológicas do autor e do tradutor em torno das culturas para as quais redigem sejam diferentes. Também pudemos observar algo pouco frequente na esfera da tradução, sobretudo da jornalística: a visibilidade do tradutor manifestada pelas marcas de tradução.

Abstract

Understanding the production and the journalistic translation as essential to disseminate the lexicon in a linguistic community, this study aims to analyze the strategies utilized in the translation of lexical units in journalistic opinion articles (stable sources of translation) contrasting with the strategies applied in the translation of news articles (unstable sources of translation). To this end, the study sought to investigate the “translation marks” in the translation of texts from Portuguese to Spanish of the newspapers El País and Folha de S. Paulo, in addition to discussing the neological and ideological aspects involved in the translation of such texts. We are guided by the works of Lara (2006), Borba (2006), Hernández Guerrero (2011), Bielsa (2016), and Simão e Stupiello (2017), to discuss the lexical matters involved in the journalistic translation’s sphere. To address the neological process, we rely on Correia and Almeida (2012), as well as Mittmann (1999) and Venuti (2002) to discursive matters addressed in the translation field. In the analysis, we started with the hypothesis that different textual typologies might influence the use of different translation strategies, as seen in the literature in the field. Using a contrastive methodology to analyze the translation of the lexicon in the two genres addressed (informative and opinion texts), the results suggested the possibility that the ideological perceptions of the author and the translator regarding the cultures for which they write may differ. We also observed something rarely seen in the sphere of translation, especially in journalism: the visibility of the translator manifested through translation markers.

Entradas para indexação

Palavras-chave: Léxico. Tradução jornalística. Língua espanhola.

Keywords: Lexicon. Journalistic translation. Spanish language.

Texto integral

Introdução

A circulação de jornais no Brasil teve início com a vinda da família Real, em 1808, durante o período em que a corte portuguesa se refugiou no país para escapar das invasões napoleônicas. Nesse contexto, D. João VI autorizou a fundação do *Correio Braziliense*, em formato de livro e sem colunas nas páginas. A função da Imprensa Régia, naquele momento, era divulgar documentos legais e diplomáticos

e tornar pública a imagem da monarquia. Além das publicações locais e originais, fornecia textos traduzidos, principalmente do inglês e do francês, pelo seu fundador, Hipólito José da Costa, que traduzia “todo o material publicado no Correio”, embora não haja “menção ao fato de o texto ser uma tradução nem ao tradutor”, de acordo com Monteiro (2012, p. 484).

Desde então, a relação entre tradução e jornalismo no país sempre se estreitou, mantendo, em todos os âmbitos, um aspecto heterogêneo que caracteriza as traduções jornalísticas ora como reproduções literais dos textos de partida, ora como formas “adaptadas” e tão transgressoras a ponto de que a tradução passe a ganhar outras denominações. A tradução ou “adaptação” do texto traduzido às normas da cultura de chegada permeia o texto jornalístico tanto em sua macro quanto em sua microestrutura, incidindo não apenas sobre a seleção dos textos que serão traduzidos, a definição da manchete e linha fina, a ordem de apresentação dos conteúdos, a organização e seleção dos parágrafos, como também sobre as questões de estilo e as escolhas lexicais feitas pelo tradutor. Tais ajustes demandam o emprego de estratégias de tradução diferenciadas, condicionadas também pelas diferentes tipologias textuais presentes em um jornal.

O objetivo deste artigo é analisar as marcas de tradução presentes em textos jornalísticos, conceito definido por Hernández Guerrero como as indicações ou menções presentes em um texto traduzido que possam identificá-lo como tal, e as estratégias empregadas em sua tradução. O corpus de análise, composto por um texto informativo e um texto opinativo, e suas respectivas traduções, são provenientes de dois grandes jornais de circulação nacional e internacional: a Folha de S. Paulo e o El País espanhol.

Partimos, portanto, de uma análise que contrasta a produção jornalística e tradutória em dois diferentes contextos que envolvem as línguas portuguesa e espanhola para enfocar as escolhas lexicais presentes nos textos de partida e nos textos de chegada. Teoricamente, nos embasamos no campo da Lexicologia (Lara, 2006; Borba, 2006 e Correia e Almeida, 2012) para estabelecermos interfaces com os Estudos da Tradução (Hernández Guerrero, 2011; Zipser e Polchlopek, 2006; Mittmann, 1999 e Venuti, 2012), a fim de explorar alguns aspectos neológicos e ideológicos da tradução jornalística.

Esta pesquisa foi motivada pela percepção da intensa presença da tradução na imprensa no Brasil e no contexto global e pela relevância dessa área de investigação, ainda pouco explorada em nosso contexto, no campo dos Estudos Lexicais e da Tradução.

Léxico e tradução jornalística

[...] as palavras se convertem facilmente em símbolos sociais, ou seja, transcendem sua natureza de signos linguísticos e se convertem em representantes de concepções, valores e tabus sociais, aos quais se atribuem desde propriedades mágicas até

funções morais ou ideológicas (Lara, 2006, p. 213, tradução nossa)¹.

Segundo Lara (2006), o léxico possui um papel importante na construção das realidades dos indivíduos, uma vez que nomeia ações, objetos e relações, refletindo, assim, como uma determinada sociedade percebe e utiliza sua língua para delinear o mundo. Isso se dá ao relacionar o signo linguístico diretamente ao que ele significa, ou seja, não só entender o léxico como a invocação exata do que se exprime, mas, principalmente, como uma representação daquilo que é dito. Dessa forma, o autor pontua que, por esse motivo, o léxico é produtor de identidades e ideologias, ao ser diferenciador de comunidades na escolha de vocabulários entre os indivíduos que as constituem.

Esse efeito ideológico gerado pelo léxico é descrito por Lara (2006) como uma necessidade de articular atitudes para um determinado fim, seja com intenções de defesa de valores identitários, como a luta contra o racismo, ou pela necessidade de romper com a moral social, como fazem adolescentes para se mostrar diferentes e distantes de crianças e adultos ao empregar gírias ou o léxico tabu em seus discursos. Independente da ideologia ou intenção, é no léxico que esses valores se mostram e permitem uma comunidade expressar sua visão de mundo.

Outro ponto importante acerca do léxico levantado por Lara (2006) é o processo de inovação lexical, denominado neologismo, recurso presente em todas as línguas, devido ao processo de transformação natural durante o desenvolvimento histórico das línguas em situação de interação social. Um modo de criação vocabular é o empréstimo de estrangeirismos, que consiste em emprestar vocábulos de línguas estrangeiras, a fim de trazer novas formas de se expressar, devido ao surgimento de novas experiências sociais. Considera-se como neologismo “todo vocábulo de recente difusão na vida social” dos falantes (Lara, 2006, p. 223, tradução nossa)².

A legitimidade do léxico de uma língua depende de cada comunidade linguística e varia com o tempo, como menciona o autor. Essa variação muda a forma como se entende e se expressa o mundo, e, percebe-se, como menciona Borba (2006), que um fator importante que contribui para tal mudança é a circulação dos textos jornalísticos, uma vez que

Com a difusão dos jornais, chegou a decisiva ampliação e difusão do léxico porque é nos jornais que as palavras mais circulam, por causa da variedade temática e da diversidade de manejadores da escrita. Com a rapidez da notícia sem fronteiras facilita a entrada dos estrangeirismos seja qual for a procedência (Borba, 2006, p.86).

¹ No original: “*las palabras se convierten fácilmente en símbolos sociales; es decir, trascienden su naturaleza de signos lingüísticos y se convierten en representantes de concepciones, valores y tabúes sociales, a los que se les atribuyen desde propiedades mágicas hasta funciones morales o ideológicas.*”

² No original: “*Se entiende por neologismo todo vocablo de reciente difusión en la vida social.*”

É possível divisar a utilização de léxicos diferentes por parte da população, bem como sua introdução em matérias jornalísticas, as quais possuem grande alcance e velocidade na distribuição de informações, assim, “é ele excelente porta de entrada de estrangeirismos e fonte inesgotável de neologismos” (Borba, 2006, p. 92). Os jornais, portanto, são considerados mecanismos de atualização lexical e social, em seus temas, assuntos e gêneros variados, devido ao grande número de intervenções de pessoas distintas, ampliando, ainda mais, o vocabulário presente nesse meio de comunicação.

De acordo com Hernández Guerrero (2011), nesse processo de produção rápida de notícias no mundo globalizado, é necessário o intercâmbio de produções jornalísticas entre países distintos, e, assim, a peça chave dessa elaboração é a tradução. A autora afirma ainda que “seria muito difícil conceber o jornalismo sem a tradução” (Hernández Guerrero, 2011, p. 102, tradução nossa)³. Em se tratando de textos jornalísticos, a tradução está presente em todos os cadernos, porém, há maior demanda nas seções Internacional e Opinião.

Com base nessa realidade contemporânea do meio jornalístico, Zipser e Polchlopek (2006) afirmam que a tradução jornalística, estando inserida em uma instituição social, recebe influências externas e internas em sua produção. Assim, a leitura dos acontecimentos, tanto na produção jornalística quanto na tradução da mesma, pode se distinguir a depender do tradutor/jornalista, da cultura para a qual se destina e do objetivo vinculado àquela matéria, gerando, portanto, apenas uma leitura da realidade do fato, dentre as muitas possíveis.

Além dessas possibilidades de leitura geradas, o fato de a notícia receber influências externas e internas traz em voga a reflexão em torno da neutralidade do texto e da própria linguagem. A linguagem, como afirmam as autoras, é social e formadora de opinião, sendo incoerente considerar a produção textual neutra no âmbito jornalístico. E essa ausência de imparcialidade é percebida nas escolhas lexicais e estruturais, trazendo um posicionamento, mesmo que implícito, do interlocutor, não sendo diferente nas traduções dessas notícias.

Em paralelo, Simão e Stupiello (2017) refletem sobre a adequação de tais notícias para novos públicos e a existência de várias formas de narrar um fato. O processo de tradução jornalística acaba por transformar totalmente uma matéria, dada a necessidade de adequação entre públicos inseridos em diferentes culturas. Como as autoras pontuam “o lado social da linguagem atrela esse texto a questões ideológicas, temporais e históricas” (Simão; Stupiello, 2017, p. 213), deixando ainda mais evidente que por essas questões é inevitável a transformação da matéria traduzida.

Os processos lexicais são intrínsecos às estratégias de tradução. No âmbito jornalístico, em função de sua ampla circulação e grande diversidade de autores, ao observarmos as estratégias de tradução, podemos detectar também o surgimento de novas unidades lexicais, isto é, os neologismos, conceito entendido por Correia e Almeida (2012) como

uma unidade lexical cuja forma significativa ou cuja relação significado-significante, caracterizada por um funcionamento efetivo num determinado modelo de comunicação, não se tinha

³ No original: “*pues en la actualidad sería muy difícil concebir el periodismo sin la traducción.*”

realizado no estágio imediatamente anterior do código da língua. (Correia e Almeida, 2012, p.23).

Ou seja, o neologismo depende do registro linguístico anterior a uma dada época, sendo considerado novo pela comunidade linguística no contexto vigente, ao não possuir registro nos dicionários da língua em questão. As autoras explicam ainda que nem sempre a palavra terá surgido pela primeira vez, isto é, pode ser entendida como neologismo uma unidade lexical que tenha sido retomada de uma outra época, sendo sentida como novidade pelos falantes do novo contexto. Entende-se ainda, como afirmam as autoras, o neologismo possuidor de uma instabilidade formal, ou seja, a palavra “será considerada neológica se apresentar sinais de instabilidade de natureza morfológica, fonética ou ortográfica” (Correia e Almeida, 2012, p. 22). No nível morfológico, têm-se como exemplo a variação do gênero de novas palavras; no nível fonético, a mudança da pronúncia dos neologismos; e, por fim, no nível ortográfico, a nova palavra pode apresentar diversas grafias, “veja-se no caso de *online*, *on-line* ou *on line* nas imprensas portuguesa e brasileira” (Correia e Almeida, 2012, p. 23).

Embora necessário e fundamental para a circulação internacional de notícias, o processo de tradução passa despercebido, mantendo uma invisibilidade e transparência nas matérias publicadas, como pontua Hernández Guerrero (2011), se misturando a outras produções próprias. Segundo a autora, a invisibilidade se dá pela ausência de marcas referentes à tradução, como por exemplo, a assinatura do tradutor, a origem do texto de partida — bem como sua língua —, e a própria indicação de se tratar de uma tradução. Já a transparência é decorrente da necessidade de produzir um texto com fluência, fazendo com que a tradução “desapareça”, como explica a autora:

[...] a transparência dos textos traduzidos, entendida como a exigência de fluência imposta pela linguagem jornalística e que, no caso dessas traduções, se concretiza na forma de focar a mediação, na qual os textos se adaptam às normas da cultura receptora, minimiza as diferenças linguísticas e culturais em prol da fluência para estabelecer as relações entre distintas comunidades (Hernández Guerrero, 2011, p. 103, tradução nossa)⁴.

Esse apagamento do tradutor cria a ilusão de estarmos lendo o original, acreditando que é a voz do autor e suas ideias que estão presentes. Porém, como aponta Mittmann (1999), temos acesso somente às palavras do tradutor, e por isso, no processo tradutório, há uma produção de discurso com efeito de sentido gerado pelo autor, pelo tradutor e também pelos próprios leitores durante a interpretação do texto. Assim, com essas diferentes interações de sujeitos no processo e no produto da tradução, tem-se uma associação com a imagem atribuída ao referente,

⁴ No original: “*la transparencia de los textos traducidos, entendida ésta como la exigencia de fluidez que impone el lenguaje periodístico y que, en el caso de estas traducciones, se plasma en una manera de enfocar la mediación en la que los textos se adaptan a las normas de la cultura receptora, minimizando las diferencias lingüísticas y culturales en aras de la fluidez en las relaciones entre distintas comunidades.*”

não com o referente em si, ou seja, com a interpretação que o tradutor teve do texto original a partir da leitura particular que esse fez em diálogo com outros discursos.

A autora pontua ainda que no processo tradutório “se estabelecem relações de sentido com outros discursos, dentre eles o discurso dito ‘original’” (Mittmann, 1999, p. 225), uma vez que tanto o autor como o tradutor expressam suas ideologias, imprimindo-as na textualidade. Deste modo, “o distanciamento entre as duas vozes (a do autor e a do tradutor) se dá em alguns pontos específicos [...] quando deixa de haver o procedimento da imitação da voz do outro, e o tradutor assume uma voz própria” (Mittmann, 1999, p. 229), isto é, continuamente ambas as vozes se manifestam no texto de chegada, sendo possível, por vezes, serem localizadas no próprio texto.

Dessa forma, a voz do tradutor se situa em uma posição discursiva também no âmbito jornalístico, podendo ser percebida ao incluir explicações, amplificações e outras estratégias não previstas pelo autor do texto de partida. Esses discursos que atravessam o tradutor produzem diferenças de tradução, pois “será resultado de novas condições de produção de discurso, de diferentes relações de sentido” (Mittmann, 1999, p. 226).

Assim, uma vez que cada veículo trabalha à sua maneira, a tradução na área jornalística conta com profissionais distintos a depender do jornal e do tipo de material traduzido. Entre as exemplificações de Hernández Guerrero (2011), tem-se o jornal *El País*, em sua versão espanhola, cujas traduções são realizadas tanto pelos próprios redatores como por tradutores autônomos, além de recorrer a uma agência de tradução, obedecendo à exigência do texto a ser produzido.

Essa exigência se dá, além de outros fatores, em função do status do texto original, ou seja, depende da natureza dos textos de partida, identificados por Hernández Guerrero (2011) como fontes instáveis ou fontes estáveis de tradução. Os primeiros — fontes instáveis — são descritos por ela como sendo textos, muitas vezes sem indicação de autoria, do gênero informativo/interpretativo: centrados na exposição de acontecimentos, e que priorizam a informação veiculada. Em tais textos, o tradutor tem mais liberdade para realizar intervenções, abreviar ou ampliar, reescrever ou adaptar, de acordo com a necessidade informativa, uma vez que “o tradutor jornalístico não tem o porquê mostrar o mesmo grau de respeito e lealdade a um texto jornalístico que muitas vezes nem sequer está assinado” (Bielsa, 2016, p. 25, tradução nossa)⁵. Os segundos — fontes estáveis — são reconhecidos como produções textuais de autores de prestígio, cuja ideia é expor uma opinião ou reflexão, típicas do gênero argumentativo, como o artigo de opinião, por exemplo. Assim, o tradutor não tem a mesma liberdade para alterar o texto, dado que se trata de uma fonte com direitos autorais, assinado e fixo em seu conteúdo.

Considerando os pressupostos explicitados anteriormente, os objetivos deste trabalho visam uma análise da tradução em torno do léxico presente em textos tidos como fontes estáveis e instáveis de tradução, observando de que maneira o tradutor atua para adaptar o texto de acordo com a cultura do país receptor da matéria. Portanto, o trabalho pretende tecer algumas considerações a

⁵ No original: “*el traductor periodístico no tiene por qué mostrar el mismo grado de respeto y lealtad a un artículo periodístico que a menudo ni siquiera está firmado.*”

respeito das estratégias de tradução empregadas no âmbito jornalístico, atentando, também, para a presença de marcas de tradução em textos jornalísticos opinativos e informativos, considerando o tratamento dado às unidades lexicais, e como são traduzidos para a língua espanhola os neologismos presentes nos textos de partida em português.

Composição do *corpus*

Para procedermos a análise proposta, selecionamos como *corpus* de fonte estável, um texto jornalístico opinativo, redigido originalmente em língua portuguesa por Eliane Brum, e sua tradução feita por Meritxell Almarza para a língua espanhola, ambos publicados na versão digital do jornal El País. Utilizamos, também, a fim de estabelecer uma comparação com os textos tidos como fontes instáveis, um texto informativo retirado do jornal Folha de S. Paulo. Os textos foram escolhidos em função de pertencerem a diferentes tipologias, porém, abordarem temática e conteúdo semelhantes, a fim de analisar como uma mesma unidade lexical pode receber tratamentos diferentes de acordo com o veículo e seu *status*. Também consideramos o fato de os dois textos pertencerem a veículos de comunicação semelhantes nos diferentes contextos, pois ambos são considerados os jornais de maior circulação na Espanha e no Brasil.

Os dois textos analisados em nossa pesquisa, e suas respectivas traduções, retratam declarações do então presidente, Jair Messias Bolsonaro, em uma coletiva de imprensa em frente ao Palácio da Alvorada, no dia 18 de fevereiro de 2020. Sua declaração ofendeu a jornalista da Folha de S. Paulo, Patrícia Campos Mello, e gerou polêmica e indignação por parte de alguns setores e coletivos feministas, ao dizer “Ela queria um furo. Ela queria dar o furo a qualquer preço contra mim”, comentando o depoimento de Hans River na CPI das *Fake News*. De acordo com o depoimento do ex-funcionário da Yacows, agência de disparos de mensagens em massa por *WhatsApp*, a jornalista havia se insinuado para ele em troca da reportagem sobre o uso de divulgação por mensagem para campanha eleitoral, fato que foi contestado com mensagens de texto e áudios divulgados pela Folha. Após o ocorrido, o presidente Jair Bolsonaro foi condenado pela juíza Inah de Lemos e Silva Machado, em sentença de 16 de março de 2022, a pagar indenização à jornalista no valor de R\$ 20 mil.

Uma vez que ambas as matérias, da Folha de S. Paulo e do El País, possuem conteúdo semelhante, na análise apresentada mais adiante pudemos perceber como as traduções das unidades lexicais seguem exigências de cada gênero textual. Para isso, consideramos os fatores intra e extratextuais, sobretudo os de natureza cultural, que incidem sobre os leitores brasileiros e os espanhóis.

Análise de dados

1. *El País*

Para a análise foram coletados os excertos abaixo tirados do texto “Por que Bolsonaro tem problemas com furos”, de Eliane Brum, e sua respectiva tradução “Por qué Bolsonaro tiene problemas con los agujeros”, de Meritxell Almarza.

Ambos publicados na versão *on-line* do jornal El País, o primeiro em 11 de março de 2020, e o segundo em 13 de março de 2020.

1.1 Marcas de tradução

No âmbito jornalístico, os processos tradutórios podem passar despercebidos, devido, principalmente, à ausência de marcas de tradução, como explica Hernández Guerrero (2011). Porém, em textos de fontes estáveis, cujos autores são de prestígio, a tradução costuma ter assinatura tanto do autor quanto do tradutor, como é possível verificar no excerto abaixo a indicação de Eliane Brum, autora do texto de partida em língua portuguesa, e de Meritxell Almarza, tradutora do texto de chegada em língua espanhola.

Eliane Brum es escritora, reportera y documentalista. Autora de Brasil, construtor de ruínas: um olhar sobre o país, de Lula a Bolsonaro. Web: elianebrum.com. E-mail: elianebrum.coluna@gmail.com. Twitter, Instagram y Facebook: [@elianebrum](https://www.facebook.com/elianebrum).

Traducción de **Meritxell Almarza**

Quadro 1 — Marca de tradução

Fonte: *El País* (Texto de partida: <https://l1nq.com/aAq3n>; Texto de chegada: <https://acesse.dev/0LL6U>)

Verifica-se que no *corpus* selecionado para essa pesquisa, cujos textos são opinativos, há um breve resumo sobre a autora e, logo abaixo, há a assinatura da tradutora, indicando que o texto se trata de uma tradução, perdendo, assim, a invisibilidade comum aos textos jornalísticos, principalmente a que caracteriza os de cunho informativo.

1.2 Estratégias de tradução

No excerto do texto de chegada é possível observar o emprego de algumas estratégias de tradução para que o texto se torne mais funcional para o leitor espanhol, logo, mais acessível em sua cultura de chegada. Vejamos:

Texto de partida: Uma de suas fontes, Hans River, ao depor na *CPMI* das Fake News do Congresso, disse que Patrícia teria tentado obter informações “a troco de sexo”, embora as trocas de mensagens entre os dois provem exatamente o contrário.

Texto de chegada: Una de sus fuentes, Hans River, cuando testificó en la *comisión parlamentaria* sobre noticias falsas, afirmó que Patricia había intentado obtener información “a cambio de sexo”, aunque el intercambio de mensajes entre los dos

demuestra exactamente lo contrario.

Tabela 1 — Análise das estratégias excerto 1

Fonte: *El País* (Texto de partida: <https://11nq.com/aAq3n>; Texto de chegada: <https://acesse.dev/OLL6U>)

Texto de partida: A história da *misoginia (ódio às mulheres)* da parcela dos brasileiros que Bolsonaro representa e também de parcelas dos brasileiros que não representa é, porém, ainda mais perigosa, porque não começa nem termina com Bolsonaro.

Texto de chegada: Pero la historia de la *misoginia* de los brasileños a quienes Bolsonaro representa y también de los brasileños a quienes no representa es aún más peligrosa, porque no empieza ni termina con Bolsonaro.

Tabela 2 — Análise das estratégias excerto 2

Fonte: *El País* (Texto de partida: <https://11nq.com/aAq3n>; Texto de chegada: <https://acesse.dev/OLL6U>)

No primeiro excerto (tabela 1), nota-se o uso da amplificação a fim de contextualizar a notícia para o novo leitor espanhol, uma vez que esse não detém o conhecimento sobre o significado da sigla “CPMI” — Comissão Parlamentar Mista de Inquérito — por não fazer parte do seu contexto cultural. Já no segundo excerto (tabela 2), a tradutora optou por elidir a explicação da unidade lexical “misoginia”, por julgar que, provavelmente, possa ser conhecida pelo leitor espanhol, se tornando uma informação redundante e desnecessária em seu contexto. Podemos também levantar a hipótese de que as concepções ideológicas do autor e do tradutor com relação às culturas para as quais redigem sejam diferentes, uma vez que podemos pressupor que Eliane Brum subentende, ao explicar o significado da unidade lexical “misoginia” entre parênteses, que os leitores brasileiros podem não ser esclarecidos com relação ao seu significado. Já a tradutora parece inferir que o leitor espanhol não precisa desse esclarecimento e omite a explicação feita entre parênteses em sua tradução.

Além das transformações motivadas por fatores culturais e ideológicos citados anteriormente, podemos observar amplificações motivadas por questões intratextuais, como as que exemplificamos abaixo.

Texto de partida: Em sua coletiva informal diante do Alvorada, a mesma em que costuma mostrar bananas para os jornalistas, Bolsonaro atacou: “Ela [Patrícia] queria um furo. Ela queria dar o *furo* [pausa para risos] a qualquer preço contra mim”.

Texto de chegada: En una rueda de prensa informal frente al palacio de la Alvorada, la misma en la que suele hacer cortes de manga a los periodistas, Bolsonaro atacó: “Ella [Patrícia] quería un *furo* [palabra que en portugués significa

'agujero' pero que en la jerga periodística significa 'primicia']. Quería dar el furo [pausa para reírse] a cualquier precio”.

Tabela 3 — Análise das estratégias excerto 3

Fonte: *El País* (Texto de partida: <https://11nq.com/aAq3n>; Texto de chegada: <https://acesse.dev/0LL6U>)

Nesse excerto, trazido pela tabela 3, a tradutora faz uso de uma paráfrase explicativa (tradução intralinguística) para resgatar a polissemia presente na unidade lexical “furo”, que em português pode significar tanto “buraco, orifício” quanto “notícia importante publicada com ineditismo”, como atestam as informações abaixo, nas acepções 1 e 4 da entrada FURO, retiradas do dicionário Houaiss (2023):

furo

1 abertura provocada por objeto pontiagudo; buraco, orifício

2 Derivação: sentido figurado. Uso: informal.

grau, degrau, patamar

3 Regionalismo: Amazônia.

trecho de água passível de ser navegado, pelo qual rios, ou rios e lagos, se comunicam

4 Derivação: sentido figurado. Rubrica: jornalismo. Regionalismo: Brasil.

notícia importante, publicada por um órgão de imprensa antes dos demais

Ex.: f. de reportagem

5 Rubrica: artes gráficas.

medida tipográfica (18,044 mm) equivalente a quatro cíceros ou 48 pontos.

Em espanhol não há uma unidade lexical que resgate, simultaneamente, os dois sentidos que a polissemia da unidade lexical “furo” em português resgata, sendo necessário fazer referência a *agujero* (buraco) e *primicia* (furo jornalístico) com a finalidade de contextualizar o leitor.

Algo parecido ocorre no excerto da tabela 4, trecho em que a autora utiliza um apelido de Bolsonaro — “Cavalão” —, desconhecido pelo leitor espanhol. A unidade lexical “cavalo” em português retoma uma polissemia não existente na língua de chegada. A tradutora se valeu de uma amplificação para explicar a unidade lexical “Cavalão”: “mote que tenía Bolsonaro cuando estaba en el Ejército y que significa ‘patán’.”

Texto de partida: Os militares voltaram ao Planalto, o que parecia impensável apenas alguns anos atrás, e parte deles visto como poços de temperança diante do “Cavalão” que ocupa o cargo máximo da República.

Texto de chegada: Los militares han vuelto al poder, lo que parecía impensable hace solo unos años, y algunos se ven como pozos de templanza comparados con el Cavalão —mote que tenía Bolsonaro cuando estaba en el Ejército y que significa

“patán”— que ocupa el cargo más alto de la República.

Tabela 4 — Análise das estratégias excerto 4

Fonte: *El País* (Texto de partida: <https://11nq.com/aAq3n>; Texto de chegada: <https://acesse.dev/OLL6U>)

Entretanto, a unidade grifada, “Cavalão”, apelido de Bolsonaro em seu tempo de exército, remonta, em linguagem figurada, a figura rude e grosseira de um cavalo, e não apenas ao animal em si, como é possível observar na entrada CAVALÃO, definição 3 do dicionário Houaiss (2023):

cavalão

substantivo masculino

1. cavalo grande.
2. (FIGURADO INFORMAL) indivíduo muito alto ou corpulento, esp. o de maneiras atabalhoadas.
3. (FIGURADO INFORMAL) indivíduo rude e grosseiro; cavalo, estúpido.
4. (ICTIOLOGIA•PEIXES) m.q. CAVALA-AIPIM (*Acanthocybium solandri*).

Assim, a unidade lexical “Cavalão”, ao possuir mais de um significado, é entendida como polissemica na língua portuguesa. Porém, não é possível resgatar essa polissemia em espanhol, uma vez que a língua espanhola não possui a acepção de sentido similar à acepção 3 do dicionário (indivíduo rude e grosseiro) para a palavra *caballo*. Por essa razão, como é possível perceber no texto de chegada, a tradutora optou por manter o apelido em português, e valer-se do recurso da paráfrase para explicar a polissemia. Para isso, a tradutora traz a unidade lexical espanhola *patán* a fim de retomar um dos sentidos, isto é, o sentido figurado do apelido. Essa escolha não resgata o animal, como pode ser constatado na definição do dicionário de María Moliner (DUE, 2023), mas uma parte do animal (pata) num processo de extensão semântica por metonímia:

patán

- 1 m. Hombre *rústico.
- 2 adj. y n. m. Hombre *ignorante, zafio y *grosero.

Tal escolha tradutória, refletindo apenas o significado figurado de “cavalão”, contextualiza os leitores espanhóis sobre a atribuição adjetiva com relação ao presidente (grosseria e rudeza), dado que, se optado pela utilização da imagem do animal com a unidade lexical *caballo*, em espanhol, a grosseria de Bolsonaro implicada no apelido não seria resgatada. Assim, a importância que a tradutora deu a essa acepção revela, também, o viés ideológico de sua tradução.

Ademais, é possível observar a utilização de formações não usuais de algumas unidades lexicais no *corpus*, que podem ser entendidas como neologismos de formação a partir de mecanismos de construção de palavras com regras da própria língua, como nos excertos abaixo:

Texto de partida: Em 18 de fevereiro, o antipresidente Jair Bolsonaro precisava tirar o foco da morte do miliciano Adriano da Nóbrega, pessoa-chave para esclarecer o esquema de “rachadinhas” no gabinete de Flávio Bolsonaro [...]

Texto de chegada: El 18 de febrero, el antipresidente Jair Bolsonaro necesitaba desviar la atención de la muerte del miliciano Adriano da Nóbrega, una persona clave para aclarar el sistema de *desvío de dinero* en el gabinete de Flavio Bolsonaro [...]

Tabela 5 — Análise das estratégias excerto 5

Fonte: *El País* (Texto de partida: <https://l1nq.com/aAq3n>; Texto de chegada: <https://acesse.dev/0LL6U>)

Na tabela 5 é possível observar a utilização da nova unidade lexical “antipresidente”, que não possui registro em grandes dicionários gerais de língua portuguesa, como HOUAISS (2001) e Caldas Aulete (2011), tampouco em suas versões digitais mais atualizadas (<https://houaiss.online/> e <https://www.aulete.com.br/index.php>), utilizada no texto para designar a postura oposta à de um presidente por parte de Jair Bolsonaro. Essa formação se dá pelo processo de derivação afixal, no qual conecta-se a uma base pré-existente, “presidente”, um prefixo de negação/oposição “anti-”. Essa escolha da autora Eliane Brum, para inferir que Jair Bolsonaro não está cumprindo seu papel como presidente, é trazida da mesma forma pela tradutora Meritxell Almarza (antipresidente), como é possível constatar no excerto do texto de chegada. Assim, a tradutora opta por traduzir o neologismo do português construindo também um neologismo em espanhol a partir do mesmo processo de derivação, prefixo “anti-” + base “presidente”, uma vez que tanto a base quanto o prefixo existem também em língua espanhola.

Já o processo neológico da unidade lexical “rachadinha” (ainda na tabela 5) ocorre de maneira distinta da unidade lexical “antipresidente”. No caso de “rachadinha”, unidade lexical que passou a ser difundida no âmbito jornalístico para se referir a um esquema de desvio de dinheiro, ocorre o processo de neologia por extensão semântica, isto é, a junção da base “rachada” + sufixo diminutivo “-inha” origina a unidade lexical “rachadinha” com novo significado metafórico: o de divisão (rachar, dividir) de dinheiro. Conforme Correia e Almeida (2012, p. 63), “as palavras que apresentam novos significados tornam-se, deste modo, polissêmicas, constituindo a polissemia um dos fatores que mais contribuem para a economia dos sistemas linguísticos”. Porém, como não é possível resgatar um equivalente em língua espanhola com o mesmo significado, a tradutora opta por uma tradução interlinguística, trazendo *desvío de dinero* como uma interpretação parafrástica da unidade lexical “rachadinha”.

Passando ao próximo exemplo da tabela 6:

Texto de partida: Hoje, na presidência, Bolsonaro chegou ao ponto de constantemente desmentir inclusive a si mesmo. Nenhum outro político corrompeu a verdade como ele, ao tornar-se o principal expoente da

autoverdade: o conceito de que a verdade é uma escolha pessoal, do indivíduo, desconectada dos fatos.

Texto de chegada: En la presidencia, Bolsonaro ha llegado a desmentirse a sí mismo. Ningún otro político ha corrompido la verdad como él, al convertirse en el principal exponente de la *autoverdad*: el concepto de que la verdad es una elección personal, del individuo, desconectada de los hechos.

Tabela 6 — Análise das estratégias excerto 6

Fonte: *El País* (Texto de partida: <https://11nq.com/aAq3n>; Texto de chegada: <https://acesse.dev/OLL6U>)

No caso da unidade lexical “autoverdade”, grifada na tabela 6, têm-se o elemento composicional antepositivo “aut(o)-”, que designa (eu) mesmo, (tu) mesmo, (ele) mesmo, (si) mesmo, conectado ao substantivo “verdade”, sendo possível observar o processo de neologismo por composição “aut(o)-” + “verdade”. “Autoverdade”, também nomeada como “pós-verdade”, é um termo bastante difundido na mídia nos dias de hoje. A tradutora optou por traduzir “autoverdade” por *autoverdad*, neologismo também em língua espanhola, cujo sinônimo *posverdad* é entendido no Diccionario de la lengua española (DRAE) como “distorção deliberada de uma realidade, que manipula crenças e emoções com a finalidade de influenciar a opinião pública e as atitudes sociais” (tradução nossa)⁶.

2. Folha de S. Paulo

A fim de discutir as marcas de tradução e as diferentes estratégias utilizadas na tradução de fontes instáveis do meio jornalístico, coletamos os excertos abaixo tirados da Folha de S. Paulo, que tratam do mesmo acontecimento, citado no texto anterior e sua respectiva tradução para o espanhol, publicada na edição *on-line*, versão espanhola do jornal. O texto de partida, intitulado “Jornalista é alvo de insultos de bolsonaristas após revelar vídeo divulgado por Bolsonaro”, foi publicado em língua portuguesa no Brasil, sem autoria, no dia 26 de fevereiro de 2020, e teve sua tradução em espanhol intitulada como “Periodista es blanco de insultos por bolsonaristas tras revelar video enviado por Bolsonaro”, feita por Azahara Martín Ortega, no dia 27 de fevereiro de 2020.

2.1 Marcas de tradução

Ao analisarmos as marcas referentes a tradução de um texto entendido como fonte instável de tradução, ou seja, informativo e sem identificação de autoria, é comum perceber que, em sua grande maioria, o tradutor passa despercebido ao leitor. Isso se dá, entre outros motivos, devido à ausência de assinatura autoral de prestígio no texto escrito e à função e exigência do gênero informativo.

Entretanto, ao observarmos o jornal Folha de S. Paulo, é possível notar que a autoria é atribuída somente ao tradutor, não havendo nenhuma indicação de

⁶ No original: “*Distorsión deliberada de una realidad, que manipula creencias y emociones con el fin de influir en la opinión pública y en actitudes sociales.*”

quem redigiu o texto de partida. Além disso, aparece, também, uma indicação de se tratar de uma tradução, bem como o *link* para o artigo original, conforme apresentamos a seguir:

Traducido por **AZAHARA MARTÍN ORTEGA**

Lea el artículo original

(<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/02/jornalista-e-alvo-de-insultos-de-bolsonaristas-apos-revelar-video-divulgado-por-bolsonaro.shtml>)

Quadro 2 — Reprodução da indicação da tradutora

Fonte: *Folha de S. Paulo* (Texto de partida: <https://acesse.one/0zMII>; Texto de chegada: <https://acesse.one/PYtVG>)

Com isso, tanto o tradutor como a tradução têm visibilidade no texto de chegada, o que diverge do que usualmente é visto na esfera jornalística com as fontes instáveis de tradução. Segundo Venuti (2002, p. 29), a invisibilidade ocorre devido a uma necessidade de fluência na leitura e a uma transparência na adaptação do discurso para seu leitor da língua de chegada, “a estética popular requer traduções fluentes que produzam efeito ilusório de transparência”. Porém, no caso do jornal Folha de S. Paulo, isso se dá de forma contrária, possivelmente, devido à proposta editorial do jornal, seja essa intencional ou não, que visibiliza a presença do tradutor ao apontar para o original do qual a tradução é proveniente.

2.2 Estratégias de tradução

No corpo da notícia, encontramos a passagem em que se faz referência a unidade lexical “furo”, retomada abaixo:

Texto de partida: Em sua conta no Twitter, a deputada federal Alê Silva (PSL-MG) publicou, em resposta a Vera: “E aí, a senhora também está louca para dar... *furo*”.

Texto de chegada: En su cuenta de Twitter, la diputada federal Alê Silva (PSL-MG) publicó, como respuesta a Vera: “Entonces, usted también está loca por dar... *su primicia*” [referencia sexual].

Tabela 7 — Análise das estratégias excerto 7

Fonte: *Folha de S. Paulo* (Texto de partida: <https://acesse.one/0zMII>; Texto de chegada: <https://acesse.one/PYtVG>)

Como já explicitado na análise que fizemos dos excertos retirados do texto do jornal El País (tabela 3), em espanhol não existe uma unidade lexical que resgate a polissemia de “furo”, assim, nota-se, no texto de chegada da tabela 7, a utilização da unidade lexical *primicia* em espanhol, correspondente a “furo jornalístico” em português. Dessa forma, a tradutora utilizou a estratégia de amplificação (“[referência sexual]”) para contextualizar o leitor espanhol sobre o sentido figurado da unidade lexical no português. Entretanto, como essa

contextualização se dá parcialmente, ou seja, não houve explicação da ambiguidade presente no português como na tradução de Meritxell Almarza no jornal El País, o leitor pode não compreender exatamente porque a unidade lexical espanhola *primicia* (furo jornalístico) adquire conotação sexual no contexto em que foi enunciado.

Observamos, também, uma mudança na estratégia de tradução diante de um excerto em português que resgataria a unidade lexical “furo”.

<p>Texto de partida: “Ela [repórter] queria um furo. Ela queria dar o furo [risos dele e dos demais]”, disse o presidente, em entrevista diante de um grupo de simpatizantes em frente ao Palácio da Alvorada. Após uma pausa durante os risos, Bolsonaro concluiu: “a qualquer preço contra mim”.</p>
--

<p>Texto de chegada: Elidido.</p>

Tabela 8 — Análise das estratégias excerto 8

Fonte: *Folha de S. Paulo* (Texto de partida: <https://acesse.one/0zMIJ>; Texto de chegada: <https://acesse.one/PYtVG>)

Como é possível perceber, ao se deparar com essa passagem, contendo uma polissemia não encontrada no espanhol, houve a elisão no texto de chegada. Pode-se supor que tal elisão foi motivada pela dificuldade de se traduzir a unidade lexical “furo”, uma vez que na tradução de textos de gênero informativo é comum que haja elisões, bem como quaisquer outros tipos de intervenções por parte dos tradutores. Desta forma, o tradutor detém mais liberdade para fazer adaptações em textos desse gênero, podendo haver recortes ou adições de informações, a depender da necessidade informativa da matéria e dos parâmetros editoriais impostos na produção desses textos.

Além dessa passagem, é possível perceber que muitas outras passagens foram elididas, podendo-se supor que tais elisões foram motivadas por exigências do jornal, como, por exemplo, estabelecendo um número limite de palavras para o texto de chegada. E, observando as partes elididas, nota-se que essas partes são, majoritariamente, citações de discursos, que podem ser consideradas mais difíceis de se traduzir, uma vez que atribui significado ao discurso do outro. Dessa forma, pode-se indagar qual a consequência para o texto de chegada em termos de sentido, uma vez que, a unidade lexical *primicia* não é polissêmica, não possui conotação sexual e resgata somente a ideia de furo jornalístico.

Conclusão

Diferentes estratégias de tradução no meio jornalístico são empregadas a partir do entendimento de distintas naturezas textuais e das diferenças culturais do país receptor da notícia. Dessa forma, realizamos uma análise em torno da tradução de unidades lexicais, compreendendo textos tidos como fontes estáveis e fontes instáveis, na visão de Hernández Guerrero (2011), como ponto de partida para observação da maneira como o tradutor atua na adaptação do texto de acordo com as exigências contextuais e das diferenças tipológicas. Portanto, visamos

entender como as estratégias de tradução são empregadas, considerando as escolhas de unidades lexicais feitas pelo tradutor em textos jornalísticos opinativos e informativos, além de observar a presença ou não de marcas de tradução em tais textos.

No primeiro texto analisado, de cunho opinativo, foi possível perceber que a tradução traz amplificações, principalmente quando há ambiguidades na unidade lexical. Tal fato é inesperado, pois, ao lidar com essa tipologia textual, é recomendado ao tradutor que não realize tantas intervenções no texto, conforme observamos no Manual de Redação e Tradução - El País/Brasil (Leite, 2015, p. 4).

O EL PAÍS BRASIL publica com frequência análises e artigos opinativos (chamados em espanhol de tribunas). Tradutores e editores devem ter o cuidado de respeitar mais fielmente o vocabulário e a sintaxe desses textos autorais, buscando reproduzir um estilo mais rebuscado ou mais direto, conforme seja a intenção do autor do texto (Leite, 2015, p. 4).

Dessa forma, uma vez que tais textos explicitam a autoria no texto de partida, assinatura e conteúdo fixo, como explica Hernández Guerrero (2011), é esperado que observemos mais literalidade em suas traduções.

Já no segundo texto, de cunho informativo, ao tradutor é possibilitado fazer elisões e adições, priorizando a informação veiculada. Tal fato, possivelmente, justifique a eliminação de unidades lexicais, e também de parágrafos inteiros que traziam unidades lexicais, de difícil tradução, não justificando, contudo, a ausência de amplificações para explicar a ambiguidade existente em algumas passagens do texto da Folha de S. Paulo. Essa constatação é corroborada pelo que observamos no Manual de Redação e Tradução - El País/Brasil (Leite, 2015, p. 4).

Nos textos noticiosos [...] o tradutor tem uma maior liberdade para fazer adaptações que garantam a fluidez do texto. Isso significa, por exemplo, a possibilidade de dividir frases muito longas, favorecer a ordem direta da frase em lugar da ordem indireta, tornar o vocabulário ligeiramente mais acessível (Leite, 2015, p. 4).

Em se tratando do fator intratextual, dada a presença de ambiguidades no texto de partida, notamos que o tradutor acaba conservando unidades lexicais do português, entendidas como estrangeirismos no texto de chegada.

Para além disso, consideramos os fatores extratextuais, sobretudo os de natureza cultural, que incidem sobre os leitores brasileiros e os espanhóis, para análise e discussão do processo tradutório na esfera jornalística, e as questões ideológicas subjacentes ao processo de lexicalização. É importante esclarecer que entendemos o conceito de lexicalização (*wording*), neste trabalho, conforme proposto por Van Dijk (2005, p. 125), como o processo de “escolha” ou “seleção lexical” condicionada por fatores ideológicos, influenciado pelos gêneros do discurso, pelos contextos pessoais e sociais, além do contexto sociocultural.

Nessa perspectiva, é possível supor que as percepções ideológicas do autor e do tradutor com relação às culturas para as quais redigem sejam diferentes, fato

que também se reflete nas escolhas tradutórias e pode ser observado na composição da textualidade, e que acaba por transparecer a voz do tradutor e os discursos que o atravessam, como pontua Mittmann (1999).

Por fim, ao verificarmos as marcas de tradução presentes nos textos de chegada da Folha de S. Paulo e El País, e constatarmos que em ambas traduções é dada a autoria aos tradutores, pode-se dizer que a visibilidade do tradutor, tão incomum na esfera jornalística e tão discutida pelos estudos da tradução, se manifesta.

Referências

- BIELSA, Esperanza. La traducción en los medios de comunicación: una perspectiva cosmopolita. In: RUANO, M.R.M., CLARAMONTE, A.V. (ed.). *Traducción, medios de comunicación, opinión pública*. Granada: Comares, 2016. p. 17-35.
- BORBA, Francisco da Silva. Léxico e herança social. In: MARCHEZAN, R. C; CORTINA, A. (Org.). *Os fatos da linguagem, esse conjunto heteróclito*. Araraquara: Cultura Acadêmica Editora, 2006, v. 10. p. 81-96.
- CORREIA, Margarita; ALMEIDA, Gladis Maria Barcellos. *Neologia em português*. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.
- GEIGER, Paulo (Org.). *Novíssimo AULETE: Dicionário Contemporâneo da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Lexikon, 2011.
- HERNÁNDEZ GUERRERO, María José. Presencia y utilización de la traducción en la prensa. *Revista Meta*, v. 56, n. 1, 2011, p. 101-118.
- HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Ed. Objetiva, 2001.
- LARA, Luis Fernando. Léxico como símbolo social. In: LARA, Luis Fernando. *Curso de Lexicología*. México D.F.: El Colegio de México, 2006, p. 213-229.
- LEITE, Rodrigo. Manual de Redação e Tradução do El País Brasil (2015) [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <nialapessuto@gmail.com> em 3 Mai. 2018. In: Pessuto, Niala. Estudo de modificações na tradução jornalística: uma exploração de um corpus de notícias traduzidas no par linguístico português-espanhol do jornal El País / Niala Pessuto; orientadora Heloísa Pezza Cintrão. – São Paulo, 2020, 206 f.
- MOLINER, María. *Diccionario de uso del español*. 3. ed. CD-ROM versión 3.0.
- MITTMANN, Solange. Heterogeneidade e função do tradutor. *Cadernos de Tradução*, v. 1, n. 4, p. 221-237, 1999.
- MONTEIRO, Júlio César Neves. *Tradução e nacionalidade: a tradução nas páginas do Correio Braziliense*. Revista Eutomia, Recife, nº10, v. 1, 2012, p. 481-487.
- ZIPSER, Meta; POLCHLOPEK, Silvana Ayub. A Tradução de notícias: novos rumos para a pesquisa em tradução. *Tradução & Comunicação*, nº 15, 2006, p. 45-53.

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. *Diccionario de la lengua española*. 23. ed. [versión 23.5 en línea]. Disponível em: <https://dle.rae.es>. Acesso em 22 de maio de 2022.

SIMÃO, Angélica Karim Garcia; STUPIELLO, Erika Nogueira Andrade. Repensando a (in) visibilidade do tradutor: propostas para o contexto de formação acadêmica em tradução. São Paulo, *Revista Caracol*, n. 14, 2017, p. 198-225.

VAN DIJK, Teun. *Discurso, notícia e ideologia: estudos na análise crítica do discurso*. 2. ed. Tradução: Zara Pinto-Coelho. Porto: Campo das Letras, 2005.

VENUTI, Lawrence. *Escândalos da tradução: por uma ética da diferença*. Bauru: EDUSC, 2002.

Para citar este artigo

FIGUEIREDO, Gabriela Farias de; SIMÃO, Angélica Karim Garcia. Aspectos neológicos e ideológicos na tradução do léxico em web notícias. *Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli*, Crato, v. 13, n. 2, p. 358-376, maio-ago. 2024.

Autoria

Gabriela Farias de Figueiredo é graduanda do Curso de Bacharelado em Letras com Habilitação de Tradutor (Inglês/Espanhol) pela Universidade Estadual Paulista (UNESP/IBILCE). No ano de 2022, foi presidente discente da 41ª Semana do Tradutor, evento acadêmico realizado pela UNESP. Atualmente, sob a orientação da Profa. Dra. Angélica Karim Garcia Simão, realiza sua segunda iniciação científica, a qual possui fomento da PIBIC/Reitoria, sobre estudos lexicais na área de tradução jornalística. E-mail: gf.figueiredo@unesp.br; ORCID iD: <https://orcid.org/0009-0006-8752-5150>.

Angélica Karim Garcia Simão é hispanista, graduada em Letras pela Universidade Estadual Paulista (UNESP), especialista em Língua Espanhola (Agência Espanhola de Cooperação Internacional/Madrid), mestre em Linguística Aplicada (UNESP) e doutora em Letras pela Universidade de São Paulo (USP). Atualmente atua como professora assistente doutora na UNESP (São José do Rio Preto) e coordenadora do curso de Letras-Tradução. É supervisora de língua espanhola na Oficina de Tradução (Unesp/São José do Rio Preto) e atua no Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos (PPGEL-Unesp/São José do Rio Preto), na área de Linguística Aplicada. Integra a RPI "Ciências do Léxico" (CAPES/PRINT/UNESP). Linha de Pesquisa Lexicologia e Lexicografia, com enfoque às questões relacionadas à tradução de unidades simples e complexas do léxico. E-mail: angelica.karim@unesp.br; ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-2198-4868>.